

CEDI

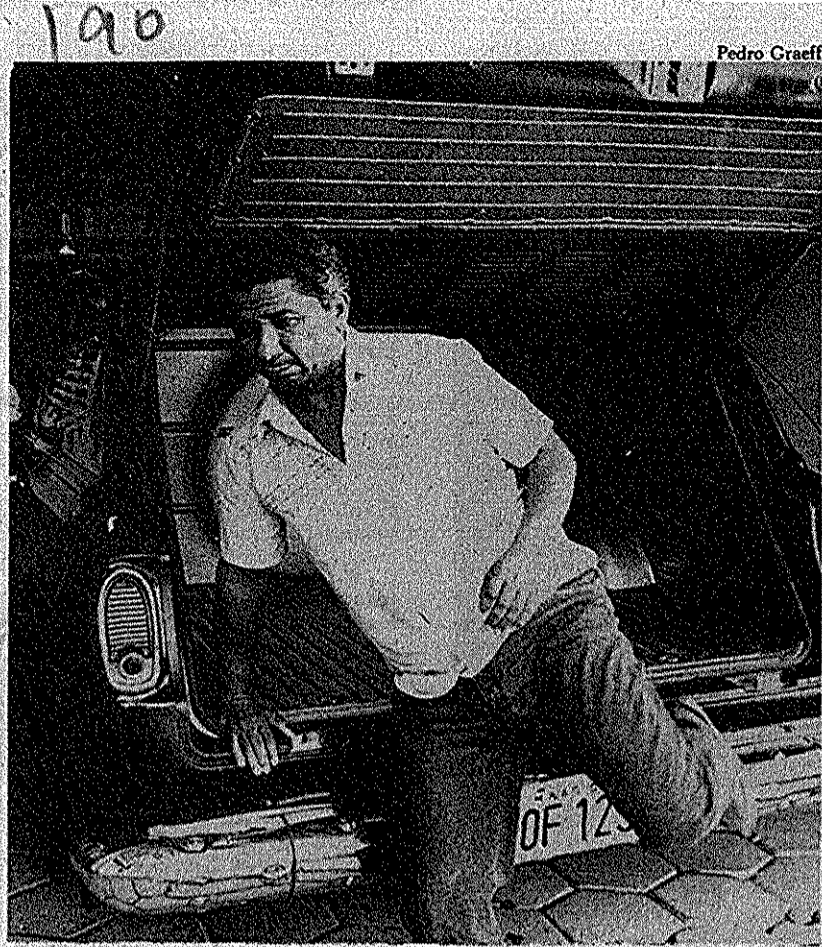
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: 115

Data: 14/04/87

Pg.: _____



Francisco Amaro apresentou álibi que polícia já aguardava

Amaro nega na Justiça crimes contra índios

O grileiro Francisco de Assis Amaro e os pistoleiros Germano Gonçalves da Silva e Roberto Freire de Alkimim negaram ontem ao juiz da 4.ª Vara da Justiça Federal, Eustáquio Nunes Silveira, qualquer envolvimento no assassinato dos índios xacriabás Rosalino Gomes de Oliveira, José Pereira de Santana e Manoel Fiúza da Silva, mortos a tiros em 12 de fevereiro passado na reserva indígena de São João das Mansões, em Itacarambi, Norte de Minas.

O "sinhô Amaro" e os pistoleiros Germano "Canabrava" e Roberto "Trinta" — os primeiros dos 13 réus denunciados pela chacina dos índios xacriabás a serem interrogados pela Justiça Federal — negaram a confissão feita ao delegado de Polícia Federal Agílio Monteiro, apesar de afirmarem que não sofreram coação para assinar o termo de declarações na fase do inquérito. Hoje, a partir de 13h30m, outros três acusados deverão ser interrogados pelo juiz Nunes Silveira: os irmãos Martinho Alves Vidoca, Sebastião de Oliveira Vidoca e Claudomiro de Oliveira Vidoca.

Enquanto não vem comunicação oficial do Tribunal Federal de Recursos quanto à qualificação do crime como "genocídio" — extermínio de grupo étnico, tipificado na Lei n.º 2889/56 e que seria um fato inédito na história do Brasil — os réus irão responder por homicídio qualificado, três vezes, além de lesões corporais contra a índia Anísia Nunes de Oliveira, mulher de Rosalino Gomes de Oliveira ferida gravemente no ataque dos pistoleiros à reserva dos xacriabás. Prevalece a denúncia do procurador Francisco de Assis Betti, que apenas os enquadrou por homicídio qualificado, com agravante do uso de recurso que impediu a defesa das vítimas (emboscada), lesões corporais, violação de domicílio e formação de quadrilha.

"Não são índios"

Um forte aparato de segurança foi montado pela Polícia Federal para fazer a escolta dos três primeiros acusados. Presos na Superintendência Regional da Polícia Federal, no bairro Gutierrez, Amaro, Germano e Roberto chegaram ao prédio da Justiça Federal escoltados por 15 agentes, em três viaturas, uma delas do tipo camburão. Muitos curiosos se postaram em frente dos prédios 126 da rua Carijós, centro, observando a movimentação, ignorando o motivo de tanta agitação. Algemados, os três acusados subiram de elevador até o nono andar do prédio, onde funcionam as instalações da 4.ª Vara Federal.

Francisco de Assis Amaro foi o primeiro a ser apresentado ao juiz Nunes Silveira. Falando baixo e parecendo estar tranqüilo, Amaro começou dizendo que "nada fez" e que não sabe quem poderia ser o autor do triplo homicídio ocorrido nas terras dos xacriabás. "Eu estava voltando de Cocos, na Bahia, quando fiquei sabendo da morte do pessoal. Dormi em Montalvânia, num hotelzinho, com um amigo meu, o Antônio Sampaio, que encontrei lá por acaso. Muita gente comentava o crime lá em Montalvânia, mas eu não sei dizer quem matou o pessoal" — explicou Amaro, que sempre que se referia aos índios os chamava de "pessoal".

Os dois acusados interrogados a seguir também evitaram chamar Rosalino e os outros de índios e, quando o faziam, logo retificavam a fala: "Eles não são índios, lá não existe índio". Germano e Roberto repetiram a afirmação de Amaro, lembrando ainda, que, filhos de posseiros, nasceram na área da reserva dos xacriabás. "Aquele pessoal briga muito entre si, cria problemas com todo mundo, mas eu pessoalmente nunca tive briga com eles" — disse Roberto,

que tem familiares ainda na área da reserva, a exemplo de Germano.

O grileiro Amaro chegou até a afirmar que "era muito bem-visto pelo pessoal" e que sempre se deu bem com todos. Admitiu, por outro lado, que respondeu a processo por homicídio em Manga. "Mas eu fui absolvido três vezes" — fez questão de frisar. Ainda em seu depoimento, Amaro disse não ter conhecido o índio Rosalino "nem nenhum índio naquela região". Afirmou não ter encontrado na data do crime com os demais acusados e que não esteve em Itacarambi no dia dos crimes. Germano entrou em contradição com Amaro neste ponto, uma vez que afirmou que o grileiro passou em frente do seu comércio na tarde do dia 11, "descendo em direção a Manga, mas sem parar em Itacarambi".

Emboscada e mortes

Amaro atribuiu a acusação de seu envolvimento na morte dos xacriabás ao assassinato de um primo seu há um ano, acreditando numa represália do "pessoal" ou o temor de uma vingança sua contra a população. Negou a confissão feita à Polícia Federal, a propriedade de uma carabina calibre 44, e toda a descrição do ataque aos índios na noite de 12 de fevereiro, quando, segundo os autos, deu cobertura aos companheiros e, ele próprio, atirou contra Manoel Fiúza, que o surpreendeu junto à porteira que limita as terras de Rosalino de Oliveira. No interior da casa, Rosalino, José Pereira de Santana e Anísia eram baleados, salvando-se somente esta última.

Do lado dos pistoleiros, ferido gravemente, Agenor Nunes de Macedo morreu poucas horas depois, nos braços de seus colegas. Germano e Roberto "Trinta" disseram ao juiz que souberam através de terceiros o que havia ocorrido na aldeia dos xacriabás, que conheciam Agenor e os outros, mas que não participaram da emboscada e nem sabiam quem seriam os autores da chacina. Tanto Germano, quanto Roberto demonstraram muito nervosismo durante a audiência. Roberto, por exemplo, ficava a enrolar com as mãos o fio da máquina elétrica de escrever usada pelo escrevente Edson, como que para disfarçar sua agitação.

"Eu nunca havia passado por coisa deste tipo" — disse Germano, tentando justificar a confissão feita na polícia: "Os policiais marcavam o que queriam e eu só assinei" — explicou ele, que, assim como Roberto, não soube responder por que seu nome surgiu neste caso. "Estava numa reunião com o bispo de Januária e o sindicato e saí às seis da tarde, indo direto para o meu comércio. Só fiquei sabendo das mortes lá nas terras da Funai no outro dia, de manhã" — afirmou Germano, torcendo as mãos e vacilando ao responder a cada pergunta do juiz. As vezes, parecia esforçar-se para lembrar detalhes, mas sua voz saía embargada, quase um sussurro.

Hoje, também a partir de 13h30m, o juiz Nunes Silveira deverá interrogar os irmãos Vidoca, que estão presos em Montes Claros e a caminho da Capital. Mais dois irmãos da família Vidoca foram denunciados: Vicente e Santo de Oliveira Vidoca. Outros cinco acusados completam a lista de 13 réus e são eles Vicente de Araújo Alkimim e Mário José de Alkimim, parentes de Roberto "Trinta", e mais Venâncio Nunes de Macedo, irmão do pistoleiro Agenor, morto no ataque aos xacriabás; José de Oliveira Alves e Arlindo Gonçalves de Silva, todos denunciados por aditamento. Seus advogados são Arioswaldo de Campos Pires (substituído ontem por Augusto Jacob de Vargas Neto) e Orlando Ribeiro Lima.